

FILOSOFIA

INÍCIO AULAS BLOG



Filosofia no Ensino Médio: uma abordagem prática

Julio Appel: Bacharel em História - UFRGS

Marcelo M. Foohs: Doutor em Informática na Educação - UFRGS

Este artigo se originou do projeto de extensão 30851, Filosofia no Ensino Médio. Filosofia, por uma análise etimológica, deriva da união das palavras PHILO e SOPHIA. Literalmente quer dizer “amor à sabedoria”. Para Marilena Chauí (2012), amor à sabedoria pode ser definido como “a decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os

valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido.”

A Filosofia saiu das escolas brasileiras a partir de 1961 pela Lei nº 4.024/61, e deixa de ser obrigatória em 1971 com a Lei nº 5.692/71, época do regime militar. Então, a matéria praticamente desaparece das escolas, voltando a reaparecer

como disciplina optativa em 1982. Devido à consideração de sua importância, a Filosofia voltou ao Ensino Médio em 1996, com o artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) determinando que, ao final do Ensino Médio, todo estudante deverá “dominar os conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania”.

O retorno da Filosofia ao Ensino Médio não significou que voltaria a existir a disciplina, que começou a ser trabalhada como tema transversal. Três argumentos pautaram a não existência das disciplinas de Filosofia e Sociologia como obrigatórias: 1) a precariedade da formação de professores de Filosofia e Sociologia; 2) problemas de investimento financeiro do sistema de ensino e 3) a transformação da filosofia em mais uma “matéria escolar”, que desviaria sua proposta de formar pensamentos críticos.

Em 2003, outro projeto de lei volta à Câmara dos Deputados, contestando as argumentações consideradas falaciosas, alegando que a filosofia possui estatutos próprios e, enquanto disciplina, é análoga a qualquer outra “com saberes, corpo teórico, lógicas internas, técnicas e terminologias específicos. Delas, os alunos têm muito que aprender e assimilar.” (BRASIL, 2003)

A parte histórica e a regulamentação do ensino da Filosofia são importantes para que possamos perceber o ambiente no qual o ensino de Filosofia no Ensino Médio está inserido. Percebemos que na prática existiu um hiato com mais de trinta anos de ausência do ensino de Filosofia no Ensino Médio. Isso contribuiu para que houvessem muitas dúvidas dos alunos, e de grande parte da comunidade escolar quanto à importância de se aprender a matéria. Os alunos das escolas, em geral, questionam seus professores sobre o porquê de se estudar Filosofia, que ficou alguns anos de fora do currículo. Nesse tempo, o ensino se voltou para o lado profissionalizante, e teve a intenção de suprir com os

recursos humanos a demanda do mercado de trabalho, levando as pessoas a se preocuparem somente com o aspecto prático e útil do seu aprendizado. Chauí (2012) diz que a Filosofia é o mais importante conhecimento, pois é a única disciplina que pode ajudar o aluno a pensar sobre tudo o que envolve sua existência. Mas, dependendo de como a Filosofia for inserida no contexto escolar, poderá enriquecer a formação dos estudantes ou se tornar uma perda de tempo.

Desta forma, a disciplina de Filosofia no Ensino Médio é dotada de uma certa ambiguidade: ao mesmo tempo em que é considerada importante e necessária, por teoricamente ensinar a organizar o pensamento e trazer clareza e criticidade a este, não recebe a valorização nem o reconhecimento prático da importância, em virtude dos fatos históricos expostos acima. Normalmente, o ensino de Filosofia é entendido pelo senso comum como uma aula em que se debatem assuntos polêmicos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), já trazem uma certa indefinição e autonomia ao professor sobre a questão dos conteúdos a serem ministrados, embora ofereçam indicações de alguns caminhos a serem seguidos. Nos PCN's relativos às ciências humanas e suas tecnologias, são levantadas três questões básicas para o planejamento do desenvolvimento do ensino de Filosofia no Ensino Médio: a) quais os conhecimentos necessários b) que filosofia ensinar e c) quais os aspectos da cidadania serão contemplados como norte educativo.

Depois de algumas considerações a respeito das questões que norteiam o desenvolvimento da Filosofia no Ensino Médio, lemos que a Filosofia deve ter como ponto de partida a difusão de valores relacionados aos interesses sociais e a manutenção da ordem democrática, bem como valores que fortaleçam os vínculos familiares e a solidariedade nas vivências sociais. Além da difusão destes valores, o documento recomenda

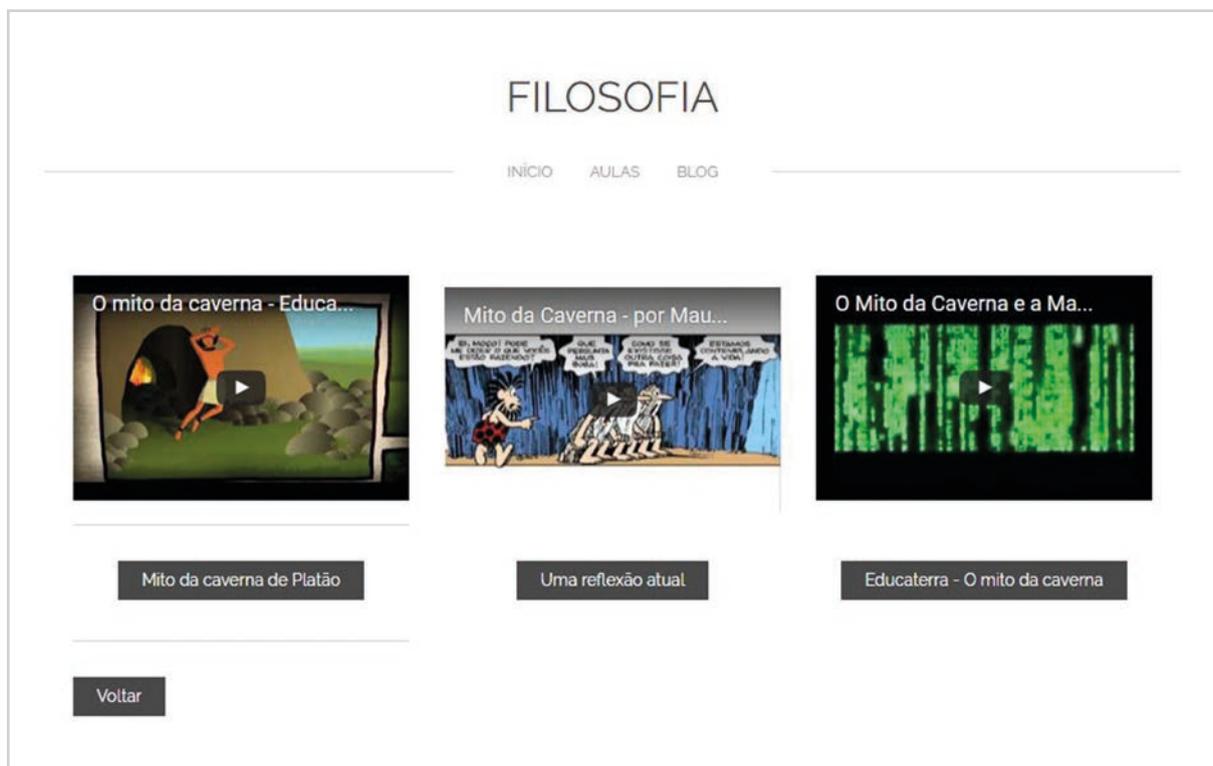


Figura 2 - Atividade de releitura do Mito da caverna'

o exercício da sensibilidade, do desenvolvimento da identidade autônoma e da participação democrática.

Como competências a serem desenvolvidas, aparecem nos PCN's a leitura de textos filosóficos de modo significativo; a leitura de modo filosófico de textos de diferentes estruturas e registro; articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais; contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto em outros planos; elaborar, por escrito, o que foi apropriado de modo reflexivo e debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais consistentes.

A prática da leitura e análise que revisa conceitos do modo crítico e sistemático, e a identificação dos diversos tipos de conceitos e suas implicações, são consideradas indispensáveis na educação de jovens aos quais se deseja o

desenvolvimento de capacidades de inteligência e formação de uma identidade autônoma, sem a repetição de preconceitos, procurando entender e aplicar os conceitos de maneira racional.

É percebido que a maior dificuldade de grande parte dos alunos em outros componentes curriculares é o reconhecimento e aplicação de conceitos envolvidos nos problemas e a interpretação dos enunciados, e não a mera aplicação de fórmulas para realização dos cálculos, como podemos notar na resolução de problemas de Física e Matemática. A maior dificuldade em Matemática não é decorar as fórmulas ou fazer as contas, já que muitos professores disponibilizam as fórmulas e o uso de calculadoras para resolver as questões de aula. Da mesma maneira, aparecem as dificuldades em outras matérias, entre elas a Física e a Química. Essa interpretação de textos e reconhecimentos dos conceitos podemos chamar de leitura filosófica, como citado na primeira competência a ser desenvolvida nas aulas de Filosofia.

Esta dificuldade tem reflexos no desenvolvimento

da identidade autônoma, pois justamente na fase em que o jovem consolida sua personalidade, sua identidade e seus desejos, ele pode ver-se como incapaz, incompetente, entre outros atributos que prejudiquem a construção de sua autopercepção. A carência da leitura filosófica, desta forma, pode trazer prejuízos ao jovem na construção de sua identidade, pois ele pode perceber-se como alguém que “não se dá com os estudos”. A Filosofia seria fundamental para ampliar a base de questionamentos críticos e definição dos conceitos relativos à formação do seu imaginário (conjunto de símbolos, significados e memórias) e valores, tais como a percepção da própria capacidade, importância, papel social e outros relevantes para a construção da autoimagem pelo jovem.

Buscando amenizar as consequências dos possíveis fracassos escolares, é importante que o jovem reconheça a existência de diferentes tipos de inteligência, com suas diferentes características e aplicações. A teoria das inteligências múltiplas de Gardner (in ANTUNES, 2001) considera que o cérebro humano possui uma diversidade de inteligências e opera de diferentes maneiras, de acordo com as competências que são desenvolvidas por diferentes abordagens e atividades.

De acordo com Gardner (in ANTUNES, 2001), toda pessoa possui oito inteligências, e a maioria das pessoas pode desenvolver cada inteligência num nível mais adequado de competência. Elas funcionam juntas, de maneira complexa, e existem muitas maneiras de ser inteligente. A inteligência pode ser entendida como a habilidade para resolver problemas, ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais. Essa abordagem é uma alternativa para o conceito de inteligência como uma capacidade inata, geral e única, que permite aos indivíduos uma performance maior ou menor em qualquer área de atuação, valorizando a diversidade das diferentes competências que podem ser

desenvolvidas.

Realidade atual da Filosofia em sala de aula

A filosofia, do ponto de vista do desenvolvimento integral das pessoas, trabalha temas como o estudo do pensamento e das diversas formas de pensar, a importância da racionalização para entender a vida, a sociedade e a participação política, o desenvolvimento da produção de conhecimentos ao longo da história, e a lógica.

A diferenciação de cada tipo de pensamento e como eles interagem nas ideias das pessoas, na formação da consciência e na construção do conhecimento, finalizando com o estudo das ideias dos diversos filósofos que, ao seu tempo e em seu contexto, desenvolveram soluções teóricas para os problemas práticos de sua época, pode mostrar como valorizar os diferentes tipos de inteligência. Desse modo, desvincula-se a construção da autoimagem do jovem ao seu sucesso nas avaliações, que consideram exclusivamente os conhecimentos lógico-matemáticos ou a utilização da famosa “decoreba”. A Filosofia, que estuda como as pessoas resolveram seus problemas formulando teses e ideias ao longo da história, e construindo conceitos éticos, lógicos e estéticos, tem grande importância na formação dos jovens.

A compreensão e o sucesso em diferentes áreas podem ser importantes para o jovem perceber essas nuances, aprendendo a valorizar os seus sucessos e suas próprias inteligências, considerando qual comportamento inteligente pode ser melhor compreendido e observando as características culturais da sociedade em que a pessoa se insere.

Para compreender a desvalorização da Filosofia, podemos citar a falta de uma organização

curricular, que disponha os conteúdos articulados de forma didática, distribuídos entre as três séries do Ensino Médio. Isto se reflete na falta de uma organização que considere uma sequência de conteúdos padronizados, e que permita ao aluno trocar de escola ou até de turno na mesma escola, e ter a continuidade da aprendizagem, assim como acontece com os outros componentes da grade curricular.

A falta de padrão no currículo e as diferenças de conteúdos se mostram também quando observamos as temáticas apresentadas pelos livros didáticos ofertados, com uma constante inversão na ordem dos conteúdos desenvolvidos, além da mudança destes que aparecem ou são subtraídos dos livros, conforme o interesse do autor.

Descrição do projeto de extensão

O trabalho que está sendo desenvolvido em uma escola pública da rede estadual em Porto Alegre visa a oferecer um norte aos alunos, disponibilizando uma ferramenta digital organizada, com os conteúdos definidos e atividades pré-estabelecidas, permitindo que os estudantes se organizem, acessem resumos, troquem opiniões e saibam de antemão o que irão trabalhar. Os alunos recém-chegados nas turmas também poderão ver os conteúdos anteriores sem dificuldade, além de como será o desenvolvimento das aulas.

Além disso, este projeto de extensão apresenta uma proposta que busca não só deixar claro para o aluno e para a comunidade escolar os conteúdos trabalhados em cada etapa do ensino médio, mas propor atividades variadas e um apoio extra ao livro didático. Este é planejado para estimular a leitura dos textos filosóficos, contribuindo para a formação de uma interpretação crítica por parte dos alunos. No entanto, muitas vezes, o livro não tem a objetividade necessária na definição dos conceitos, e se torna de difícil compreensão.

Sobre a objetividade necessária, devemos compreender definições mais concretas e simples, pois, como professor, percebo uma dificuldade geral dos alunos no entendimento dos conceitos trabalhados. Os textos, geralmente, são escritos de forma a exigir uma capacidade de abstração do pensamento ainda não desenvolvida pelos alunos, o que não auxilia o seu desenvolvimento. Normalmente, quando existe uma proposta de interpretar os textos e reconhecer seus conceitos centrais, ouve-se a pergunta: “onde está a resposta?” e logo uma intervenção de um colega: “em tal parágrafo da página tal”, e como resposta do trabalho, vem a transcrição de um trecho do texto.

A proposta age, então, em duas frentes bem definidas: 1) no apoio para a interpretação do livro didático; e 2) na proposta de atividades, nas quais os jovens serão induzidos à construção do próprio conhecimento, para a realização de vídeos, narrativas, seminários, apresentações teatrais, construção de mapas conceituais, entre outras iniciativas.

A ideia de que o aluno assuma a responsabilidade pela construção de seus conhecimentos, vem ao encontro de pesquisas educacionais, indicativas de que esta só é possível se realizada de forma ativa. Assistir à aula é receber a informação de maneira passiva, enquanto que estudar é processar as informações recebidas visando superar algum desafio ou resolver algum problema, produzindo o seu próprio conhecimento, ou seja, é a própria atuação do aluno no processo de aprendizagem.

A primeira dificuldade é a de se construir atividades que despertem a motivação da maioria da turma, que sejam entendidas como um desafio a ser superado ou um problema a ser resolvido por todos, considerando que as atividades serão propostas para um universo bastante heterogêneo com interesses, motivações, personalidades, vergonhas, valores e muitas outras coisas diferentes entre si.



Figura 3 - Capa do site produzido pelas alunas sobre o feminismo



Figura 4 - foto das autoras do site

A segunda dificuldade, está em atender aos requisitos dos PCN's do ensino de filosofia para o Ensino Médio, principalmente no referente à capacidade de leitura crítica de textos e da articulação de diferentes conhecimentos para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Para fazer frente aos desafios, a proposta escolhida

foi trabalhar com a educomunicação, que pode ser descrita como um conjunto de ações, que busca a articulação dos sujeitos sociais com as interfaces da comunicação-educação, ou seja, com a leitura crítica dos jovens para a produção de comunicação midiática.

A heterogeneidade do público a ser atingido foi considerada com a elaboração de diferentes desafios a serem superados pelos alunos, como a ressignificação do Mito da Caverna (exemplo figura 2), a produção de mapas conceituais, a produção de minipeças de teatros para representar conflitos psicológicos, apresentação de seminários, e a produção de mídias eletrônicas, como sites, blogs e filmes.

A elaboração dos desafios propostos aos alunos, também considerou os objetivos da educomunicação, buscando uma educação que faça sentido para o jovem, que tenha penetração no seu cotidiano e faça parte de sua vida. Uma educação que delegue ao jovem a autoria das atividades, de acordo com a teoria e o desafio apresentado, estimulando a produção de mídias de qualidade, nas quais seja valorizado o trabalho coletivo, promovendo a cooperação, a participação, a livre expressão e a experimentação.

Resultados preliminares

Como resultados preliminares, foi percebida a antecipação de alguns alunos aos desafios propostos, visitando o site e buscando resolver os problemas antes do tempo. Por parte de outros alunos, porém, foi constatada uma “certa” procrastinação, pelo fato de terem “toda matéria” disponível online, com a tendência de “deixar para depois”, não só a execução das atividades, mas também a própria aula. Porém, em termos de aproveitamento escolar nos testes convencionais, foi percebida uma grande melhora no rendimento dos alunos que buscam os materiais, assistem às vídeo-aulas e realizam as atividades.

Os estudantes também notaram a melhoria no aprendizado, com a disponibilização de diferentes professores explicando em vídeo e resumos objetivos, e hoje já solicitam que mais materiais sejam disponibilizados, inclusive de outras disciplinas pertencentes à mesma área de conhecimento da Filosofia, como Sociologia, Ensino Religioso e História. Talvez, para termos dados mais mensuráveis, seria melhor comparar turmas com acesso, àquelas sem acesso ao site. Porém, a ideia não era fazer um estudo sobre ganhos na educação a partir da elaboração de um site de apoio e, sim, oferecer de forma simples uma ferramenta extra para ajudar o desempenho da docência.

Alguns alunos reclamam por não conseguirem acesso ao site, enquanto que muitos acabam não tentando. Contudo, o fluxo de acessos se concentra próximo ao período das avaliações. Nas últimas duas semanas do segundo trimestre deste ano (2016), foram realizadas 87 visitas ao site, sendo 17 visitantes em um único dia.

Algumas produções dos alunos se destacaram por sua qualidade e manifestação do senso crítico, como a publicação de alguns sites, de fotonovelas e de vídeos.

Como auxílio à docência, o trabalho desenvolvido



Figura 5 - fotonovela publicada na página do Facebook

possibilitou a organização do conteúdo do componente curricular e a elaboração das atividades planejadas, permitindo um melhor aproveitamento das horas de planejamento de aula. O roteiro pré-determinado auxiliou bastante a prática da docência, considerando que depois de um primeiro momento trabalhoso - de planejar e montar o site - na etapa da aplicação do trabalho, restaram, alguns ajustes para atender as particularidades de cada turma. ◀

Referências

ANTUNES, Celso. **Como Desenvolver Conteúdos Explorando as Inteligências Múltiplas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção I, p. 27834-27841.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**, São Paulo: Editora Ática, 2012.

CRISTINE, Elen. **A importância de ensinar filosofia no ensino médio**. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao/a-importancia-ensinar-filosofia-no-ensino-medio.htm>> Acessado em 17/10/2016.

SILVA, Adriane Kareen Müller; LOPES, Maria Inácia; PRADO, Pe. João Batista Ferraz do. **Uma breve reflexão sobre o ensino de Filosofia nas Escolas de Ensino Médio do Brasil**, disponível em <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/Uma-breve-reflex%C3%A3o-sobre-o-ensino-de-Filosofi.pdf>> Acessado em 17/10/2016.

SIMONETTI, Luciane. **O que é Desenvolvimento Cognitivo?**, disponível em <<https://cienciadocerebro.wordpress.com/2012/09/05/o-que-e-desenvolvimento-cognitivo/>> Acessado em 17/10/2016.